



Título da obra: Eco
Artista: Fábio Solon



Sobre Eco

Pintei uma criança preta com um balde na cabeça. O que essa criança carrega? O que ela escuta? O que ela suporta? O que ela inventa? É por meio desse gesto que provoço um diálogo com a Revista Caetana.

O balde, objeto simples do cotidiano, ganha novos sentidos, quando atravessa o corpo da infância. Ele pode ser capacete, tambor, abrigo, brinquedo. Pode ser peso ou imaginação. Tudo depende do olhar. Convido você, agora mesmo, a produzir novos sentidos a partir dessa imagem. Que tal?

No corpo dessa criança, o objeto cotidiano deixa de ser apenas utensílio e se torna símbolo: da criatividade que nasce nas margens, da reinvenção diante das ausências, da dignidade que resiste e cria.

Escolhi uma criança preta, porque falar de extensão universitária no Brasil é, necessariamente, falar de territórios historicamente atravessados por desigualdades e, ao mesmo tempo, carregado de potências. A universidade pública, quando se abre ao diálogo, precisa reconhecer esses corpos, essas infâncias, essas invenções que já produzem conhecimento antes mesmo de serem nomeadas como tal. É a dinâmica da vida, acontecendo do nosso lado e clamando por ser percebida e compreendida. Clamando por interação.

ECO também escuta, mesmo com o balde na cabeça. Cria um outro modo de perceber o mundo. Talvez, ali dentro o som ecoe diferente. Talvez esteja experimentando outras formas de sentir, de imaginar, de compreender. Assim como a extensão universitária, que desloca o saber de um lugar vertical para uma experiência compartilhada, construída no encontro. Vamos em busca do ECO!!!

Outro elemento nessa imagem pode chamar a atenção. Esse elemento simbólico, característico das minhas obras, não está presente por acaso. Além de contribuir com a construção da identidade enquanto artista é também um dispositivo para a inquietação. Aqui, o rosto dividido da criança possibilita a construção de uma narrativa visual potente: de um lado, a boca fechada pode expressar contenção, silêncio, espera, escuta, o que foi interrompido ou ainda não pôde ser dito; de outro, boca aberta manifesta,

talvez, grito, anúncio, denúncia, nascimento da palavra, som que rompe. Essa duplicidade pode simbolizar: o conflito entre silenciamento e expressão; a passagem do medo à afirmação; o instante exato em que o silêncio vira voz; a infância que aprende a falar para existir no mundo.

O balde, nesse contexto, pode amplificar o grito ou abafá-lo. Pode ser proteção contra o barulho externo ou caixa de ressonância para o som interno. A criança parece habitar esse entre-lugar: entre calar e dizer, entre conter e explodir. Essa imagem não é ilustração, não é apresentação do belo; é provocação. É convite para pensar a universidade para além de seus muros, para reconhecer que o conhecimento se faz no compartilhamento, na rua, na comunidade, na arte, na experiência vivida. O balde, que poderia limitar a visão, aqui amplia horizontes, porque a criação é sempre um gesto de atravessamento.

Que esta capa seja, portanto, um chamado: para ouvir mais, para partilhar mais, para construir coletivamente. Espero que que a universidade pública continue se reconhecendo como território de diálogo, compromisso social e imaginação política e que, como essa criança, nunca deixe de transformar o que parece simples em possibilidade de mundo.

Seja muito bem-vinda, Revista Caetana!

Sobre o pesquisador e artista

Sou Fábio Solon, piauiense, filho de João e Maria, cirurgião-dentista de formação, docente da Universidade Federal do Piauí, com formação em Saúde Coletiva, arteiro e artista. Tenho me dedicado e explorado uma possível interface entre ciência e arte como caminho de sensibilização e mobilização social. A produção parte da compreensão de que conhecimento não se limita à racionalidade técnica, mas também se constrói na experiência estética e no afeto. Ao tensionar esses dois campos, aposto na potência transformadora que emerge, quando rigor científico e expressão artística se encontram, provocando deslocamentos, reflexões e novas formas de agir no mundo.